

CINCO APONTAMENTOS SOBRE FENOMENOLOGIA

1 — O paradoxo maior será o de ler a Fenomenologia num sentido diverso ou descontínuo àquele que Ed. Husserl lhe demarca.

É um facto, todavia, que aquela que pretende ser a «ciência de rigor», não relevando de opiniões ou de escolas, é das posições filosóficas que mais abundante literatura têm suscitado, nem sempre coincidente quanto ao processo, ao método ou mesmo ao propósito.

Torna-se assim difícil, no mar imenso dos comentadores e críticos da Fenomenologia, nas suas análises, nas suas interpretações críticas, nas extrapolações mais ou menos legítimas, dar a Husserl o que é de Husserl, e separá-lo assim da sua continuidade filosófica.

Por muito grande que seja a importância da Fenomenologia dentro da Filosofia Contemporânea, assim como alta a frequência da sua utilização metodológica noutros ramos do Saber, a verdade, porém, é que Husserl é, cada vez mais, um ponto de referência, como lugar de início de um método fecundo e original, e, cada vez menos, um pensamento radical, actuante e vivo.

Há dois Husserl — um, em compêndio, em sumário, em esquema, irremediavelmente reduzido ao processo estereotipado da leitura de um pensamento calcificado, remetido à poeira da História, cronologicamente datado, na efemeridade das suas posições. É o Husserl da «tentativa-de-constituir-uma-filosofia-que...», é o Husserl anti-Hegel, é o Husserl-percursor-do-existencialismo, é, em suma, o «Husserl do ponto de vista de...».

Há outro Husserl — aquele que no exercício mesmo do seu pensar, na frescura espontânea da sua escrita, ao metermos entre parêntesis tudo o que entre nós e ele, sobre ele foi dito, nos surge ele próprio, na radicalidade do seu raciocínio, na arquitetura inovadora das suas análises, na profundidade crítica da sua atitude filosófica.

É este último que urge deixar falar e ouvir atentamente. Não como o «Mestre», que nunca foi, ou pretendeu ser, mas como atitude exemplar. Essa atitude que o leva a afirmar ao longo da sua carreira infatigável de investigador, que mais não passa de um aprendiz de filósofo, e que a Filosofia é um constante recomeçar.

A vasta série de leituras sobre o discurso husserliano, a diversidade das «Introduções à Fenomenologia», e das «O que é a Fenomenologia?», o aproveitar integral ou parcial da fenomenologia husserliana, em investigações ou sistemáticas que lhe são metodologicamente estranhas, alargaram incomensuravelmente, para nós hoje, os parâmetros que delimitavam a Fenomenologia há cinquenta anos atrás.

E a pergunta surge, cremos que legítima — até que ponto, toda a investigação adventícia ou paralela à obra husserliana, assim como a série das interpretações coincidentes sobre esta mesma obra, no-la encobrem no seu emergir original, na sua coerência e no processo profundo da sua radicalidade inovadora?

Poder-se-á falar ainda, coerentemente, de «uma» Fenomenologia?

Ou estaremos, pelo contrário, assistindo à multiplicação das perspectivas fenomenológicas, numa proliferação polissignificativa de métodos fenomenológicos, ou querendo-se tais, de investigações e sistemas de fenomenologia, e até de inserções da fenomenologia husserliana em contextos mais amplos que lhe alteram a feição e lhe demarcam novos rumos?

Fenomenologia ou Fenomenologias?

A divulgação e a actualidade da Fenomenologia de Husserl, no âmbito do pensamento contemporâneo, advém mais porventura da imensa difusão da obra dos seus continuadores e utentes, explicitamente no que se refere a

Heidegger, Sartre e Merleau-Ponty, do que da leitura directa da sua obra.

Assim que, por paradoxal que pareça, falar hoje de Fenomenologia, não implica necessariamente falar de Husserl, mas, e a sermos mais precisos, de uma atitude filosófica que de Husserl apenas conserva um estilo, e, nem sempre, um propósito.

Não valerá a pena um regresso a Husserl, ele próprio?

2 — Há quem encare a Fenomenologia como ritual iniciático, saber esotérico, a exigir esforço vasto de intelecção e cultura, apuro máximo de locubração espiritual, acessível apenas a cérebros privilegiados, terreno, por excelência, ao exercício ginástico e acrobático da Razão.

Nada mais radicalmente oposto ao pensamento husserliano, nem ao processo mesmo da Fenomenologia, tal como Husserl a estrutura e pensa.

Para Husserl, e é esta uma orientação dominante da sua teoria, a Filosofia é o lugar, por eleição, ao exercitar do pensar individual.

Mais ainda — não haverá, em verdade, exercício crítico e rigoroso da Filosofia, que não seja o construir por nossas próprias mãos, aquilo que constitui a trave mestra de todo o Saber — o pensamento crítico e radical.

Este exercício do pensar crítico, implica, embora necessariamente, a crítica do pensar.

É precisamente contra a forma como a Filosofia tradicional entende o exercício desse pensamento que Husserl ergue esse violento protesto, essa obra paradigmática que é «*Philosophie als strenge Wissenschaft*».

Aí se diz que, «o ethos dominante da Filosofia moderna consiste justamente na sua vontade de se constituir como ciência de rigor», mas «em nenhuma das épocas da sua evolução, a Filosofia soube satisfazer essa pretensão» (FCR, pág. 1).

Husserl não pretende portanto, e apenas, como alguns parecem querer ver, a denúncia de uma certa ideia da filosofia (sobretudo positivista e historicista), com vista ao demarcar de um aperfeiçoamento possível a uma certa con-

tinuidade do pensamento filosófico (a filosofia transcendental), encarada esta como a única linha de força e viabilidade à constituição de uma filosofia rigorosa.

O seu objectivo é mais radical e ambicioso — as Filosofias, todas e quaisquer filosofias, se sempre pretendem a constituir-se como ciências de rigor, nunca foram consequentes nesse seu propósito inicial.

E não o foram, porque se articulam e fundamentam num campo, num terreno de exploração e investigação que não é o delas, a partir de uma perspectiva e de uma atitude que não é necessariamente a correcta.

Pois, para Husserl, esse ideal de constituição da Filosofia como ciência de rigor, começa precisamente pela verificação de que esta não se poderá nunca fundamentar a partir da atitude natural.

Para além, porém, do interesse operatório e metodológico, oferecido pela redução fenomenológica, nos seus ulteriores desenvolvimentos, em que se traduz ao fim e ao cabo, a crítica da atitude natural?

O opor-se aos historicismos, aos psicologismos, aos naturalismos, não é apenas o denunciar dos «erros» e falta de coerência crítica dessas mesmas posições, ou da «facilidade» argumentativa, como razões da sua fragilidade e divulgação.

Isso seria, e tão só, o opor de argumento contra argumento, metodologia contra metodologia, critério contra critério; seria, *malgré tout*, o constituir de mais uma posição filosófica entre as demais. Seria o propor da ciência de rigor ou se quisermos, da Fenomenologia, numa «diferença na semelhança», que Husserl, todavia, categòricamente regeita. É que embora, possivelmente, *primus inter pares*, o fenomenólogo continuaria membro do «club» da tradição filosófica.

Se os psicologismos, os naturalismos, os historicismos, as filosofias transcendentais, se opõem entre si pelas metodologias utilizadas, pelos princípios, pelas conclusões, e pelas diferentes *Weltaanschauung* delas derivadas ou por elas propostas, todas comungam porém, originariamente, num idêntico erro — uma falsa ideia da Filosofia.

Muito embora todas pretendam ser Filosofia, acabam por se situarem para além ou aquém do terreno específico

da investigação filosófica, falhando por aí no seu propósito e escamoteando a vivacidade dessa investigação.

É esse terreno que é necessário delimitar, é nesse campo que é necessário lavrar.

3—A Fenomenologia não se acomoda, de facto, ao terreno comum e sustentador do «ponto de vista», da opinião, na aceitação de um plano, de um campo de investigação filosófica, que possibilite a múltipla diversificação ideológica. Ela movimenta-se de facto, num campo radicalmente novo, que soletra, define e estrutura na sua própria originalidade.

Ao negar a possibilidade de constituição de uma Filosofia como ciência de rigor, dentro dos parâmetros topológicos da filosofia tradicional, procura, sobretudo, na fundamentação de uma radicalidade sem fronteiras, uma nova base, que se vincula para além do mundo natural, comum às demais disciplinas, incluindo nesta a filosofia tal como esta tradicionalmente se estrutura.

Aí, onde a filosofia tradicional, no seu conjunto, investiga, «não somente não dispõe de um sistema doutrinal completo e apenas imperfeito nos seus pormenores — não dispõe de sistema algum. Tudo aqui é discutível, todos os juízos dependem da convicção individual, da escola, da posição» (FCR., pág. 3).

Assim, para Husserl, toda a Filosofia, em toda a sua diversificação e continuidade históricas, mais não faz do que o aperfeiçoar das regras de um xadrez, com pedras de vários talhe, mas sempre, e irremediavelmente, jogado num único tabuleiro.

Por isso, segundo Husserl, não há selecção possível a realizar dentro das várias posições doutrínarias; o que se pretende é a regeição, pura e simples, do terreno comum em que todas elas comungam, numa identidade de fundamento, para além das divergências que, temática e operatôriamente, as ramificam. «Não há, nelas, porém, nada que por enquanto se possa reconhecer constituir um fundo de ciência filosófica, e não há esperança de a tesoura da crítica

conseguir cortar, aqui e acolá, fragmentos de uma doutrina filosófica» (FCR, pág. 4).

Não é, portanto, na liça comum da posição «a partir de» que a Fenomenologia pretende travar o seu combate.

Como já vimos, ela não quer tornar-se, e apenas, em mais uma posição entre as demais, dentro de uma estrutura símile à da Filosofia tradicional. Isso seria instaurar-se como um sistema filosófico idêntico aos que combate, como que outra Minerva a nascer perfeita e armada, da cabeça de um génio criador — para em tempos posteriores ser conservada, ao lado de outras semelhantes, no silêncio do museu da História (FCR, pág. 4).

Conclui-se assim, que se partirmos do princípio que «o verdadeiro método de filosofar» se demarca no terreno da Filosofia tradicional, então a Fenomenologia não é filosofia; a crer que o campo da investigação filosófica é o que a Fenomenologia demarca, então Husserl será, efectivamente, o primeiro filósofo.

Duma forma ou de outra, essencial será esclarecer a relação basilar, em Husserl, entre a Fenomenologia e a Filosofia.

Sem dúvida alguma que, das maiores, para não dizer a maior, das dificuldades que se nos deparam frente a qualquer trabalho de índole fenomenológica, reside nesta ambiguidade primeira.

Ambiguidade esta legível não só na obra de Husserl, mas em quase todos os textos dentro da linha fenomenológica. Vejamos porquê...

A atitude husserliana propõe-se numa dualidade básica — a explanação e fundamentação de um método por um lado, e, por outro lado, a articulação do próprio método por relação ao que o possibilita na sua estruturação já fenomenológica.

Por este motivo, é possível falar de um método fenomenológico e de uma fenomenologia, como planos diferenciados, embora co-relativos e interdependentes.

O método fenomenológico surge-nos, como um instrumento, um meio, com vista a um objectivo de rigor e radicalidade, só possibilitado através daquele, mas não menos diferenciável na sua inter-relação.

A referir por essencial, portanto, na obra husserliana, os vários planos em que esta se desdobra.

Se é um facto que Husserl pretende constituir a Filosofia como uma ciência de rigor, não se queda, todavia, este propósito, numa afirmação voluntarista, num puro querer, demagógico e irrealizável.

Bem pelo contrário, Husserl pretende sim, demonstrar como condição *sine qua non*, essa necessidade vital para a Filosofia de se exigir a si própria, como essa ciência, e isso por uma via que necessariamente, terá de ser crítica e rigorosa.

O afirmar da possibilidade de um rigor filosófico não se trata apenas de um belo gesto crítico, mas de uma intervenção actuante, necessária à sobrevivência da Filosofia.

Daí que não baste verificar a falta de rigor da Filosofia tradicional, mas descobrir, também, as razões que a motivam.

Se a Filosofia tradicional se quis e pretendeu como ciência de rigor, e todavia não conseguiu realizar o seu propósito, há que descobrir as razões que motivam tal falhanço.

Ora, aquilo que para Husserl, segundo cremos, gera essa «incapacidade» realizadora da Filosofia antecedente na tradução eficaz do seu propósito motivador (principalmente a linha filosófica que começa em Descartes, e até Kant, demarca a continuidade da filosofia transcendental), é o não ter «sabido» diferenciar um terreno específico que a particularizasse e logo a definisse, num plano estritamente filosófico.

A Filosofia, porém, que se quer como ciência de rigor, exige um objecto e método próprios, não se confundindo com as outras disciplinas.

Requere-se assim para a Filosofia, uma exactidão e uma universalidade temática, que manifestamente não possui, e que ora importa «objectivamente» fundamentar e constituir.

Para tal há que diferenciar antes de mais nada aquilo que a Filosofia é ou pode vir a ser, ou seja, o terreno mesmo do pensar filosófico, e desta forma, sincronicamente, alijar da Filosofia o que nela ou por ela não pode ser rigorosamente fundamentado.

Só assim a Filosofia não se confundirá com a Ideologia, na diversidade das posições doutrinárias, ou na temática in-fundamentada dos preconceitos.

Já que «é precisamente próprio da Filosofia, desde que remonte às suas origens extremas, o seu trabalho científico situar-se em esferas de intuição directa, e constitui o maior passo a dar pela nossa época, reconhecer-se que a intuição filosófica no sentido autêntico, a percepção fenomenológica do ser, abre um campo imenso de trabalho...» (FCR, pág. 73).

Diremos então que a radicalidade que lhe importa, a fim de se edificar por outro meio que não os frágeis alicerces dos pressupostos — pontos de vista — opiniões, (mera hipótese axiomáticamente derivada, indiferente à crítica dos postulados em que assenta), é uma radicalidade cientificamente reconhecida como tal, e cientificamente constituída na sua expressão filosófica. — «A ciência do radical, tem que proceder também radicalmente, e a todos os respeito» (FCR, pág. 72).

A Filosofia que se quer constituir como ciência, não pode descansar antes de ter chegado aos seus inícios, ou seja aos métodos delineados no próprio sentido dos problemas, e «ao campo ínfimo da laboração de coisas de apresentação absolutamente clara» (FCR, pág. 72).

Não admitindo barreiras ao seu pensar radical e crítico, que não as impostas pelas próprias coisas e problemas, na sua manifestação originária e evidenciadora, o filósofo abandona o conforto ocioso dos postulados, para metódica e radicalmente construir, na depuração rigorosa assim obtida, a verdadeira Filosofia — a Fenomenologia.

4 — Terá, ao menos, a Filosofia tradicional um interesse didáctico?

Não!, diz Husserl. A Filosofia não se aprende nos livros ou nos compêndios — «não é com as Filosofias que chegaremos a ser filósofos» (FCR, pág. 72).

Não. Filosofar não é a assimilação paciente e passiva das doutrinas, teorias ou sistemas, no desdobrar, lento e académico, das páginas da História da Filosofia.

Filosofar não é o sentar-se, confortável, na sala de jantar da História da Filosofia, onde em imensas travessas rutilantes, suculentos manjares filosóficos nos são, delicadamente, servidos. Aí, perante os pratos já confeccionados, por apetecível que seja a apresentação, limitados a seleccionar por paladar, sobra a fome a quem ficar quieto, e os que deglutirem sem limites, sujeitam-se, porventura, a tremendas indigestões conceptuais.

Para Husserl o verdadeiro filósofo, esse, está junto às matérias-primas, verificando-as, de facto, na sua apresentação originária, antes de qualquer manipulação, uso ou acabamento, que as altere, as deforme e, até, as mistifique, num produto acabado, mais ou menos perfeito, mas do qual irremediavelmente esquecemos as origens.

Se pelas Filosofias não chegamos a ser filósofos, nelas também não encontraremos, sequer, os instrumentos críticos que nos permitem fazer Filosofia. Pois «não é das Filosofias que deve partir o impulso da investigação, mas sim, das coisas e dos problemas» (FCR, pág. 72).

Será vão trabalho o aproveitar de posições já constituídas, o aperfeiçoar de esquemas já propostos, ou mesmo o completar teórico de formas de filosofia já previamente definidas. A ciência do radical não consente soluções de continuidade. A Filosofia não é uma aperfeiçoável colecção de respostas, mas a descoberta e exercício original — originário de perguntas.

A «Filosofia como ciência de rigor» é, por tudo isto, um protesto iconoclasta — a destruição metódica e sistemática dos mitos epocais, dos rituais mistificadores, dos monstros sagrados das teorias filosóficas, científicas, etc. É mais que isso — a rejeição de todo o discurso sobre a realidade, como fonte originária do pensar-

Esta fúria iconoclasta tem, porém, um sentido.

Para Husserl, se não é a partir, nem com as interpretações e teorias já constituídas que fazemos Filosofia, aquelas porém, interpõem-se, volumosas ruínas de um universo antigo, entre nós e o mundo da investigação filosófica. Os «ismos» estão aí, estáticos, espessos blocos duma impenetrabilidade monolítica que o pensar não consegue atravessar.

Abissalmente separados da claridade límpida das «coisas elas mesmas» pela imensa cortina escura tecida laboriosamente pelas várias doutrinas filosóficas pelas interpretações do Mundo e da Vida, pelas teorias científicas, pelas opiniões, posições, pontos de vista, preconceitos, por todos os julgo-penso-acho, ao filósofo só resta um caminho... O levantar, mesmo que provisoriamente, esse manto espesso e deformador, que encobrando a realidade, impossibilita a Filosofia.

Aquém de qualquer sistema, alguém de qualquer discurso, o filósofo «reduz-se» à presentificação originária e neutral do objecto intencional à consciência que o desvela.

Filosofar, então, é o situar-se na relação primeira da consciência ao seu objecto intencional, numa experiência fundamental e fundamentadora, a partir da qual o pensar, criticamente, pode surgir.

Filosofar é pensar, no sentido de experienciar e reconstruir de raiz, os fundamentos de todas as posições e ideologias, única forma de leitura rigorosa e crítica do mundo em que vivemos e actuamos.

5 — Duas perspectivas demarcadas — um objectivo e uma forma original de atingir esse objectivo.

Como objectivo — a Filosofia como ciência de rigor; como via para o atingir — a Fenomenologia.

Terá sido Husserl nas investigações fenomenológicas a que procede, coerente com o imenso ideal que propõe à Filosofia?

Ultrapassa-nos, aqui, a resposta a pergunta tão vasta. Seja qual for esta, porém, a actualidade da exigência husserliana de rigor filosófico, continua a ser, para nós, o objectivo primordial a requerer à Filosofia do nosso tempo.

É desta forma que, pela sua exigência radical, pelo seu propósito crítico, pelo seu apelo a uma reflexão liberta de esquemas esclerosantes e sem limites à sua actividade evidenciadora, a Fenomenologia, tal como Husserl a pensou, nos surge, inevitavelmente, como a única introdução, possível, à Filosofia.

Pedro Araújo Figueiredo

Bolseiro do Instituto de Alta Cultura (*Projecto de Investigação PL/1*)